

## **Inquietações e insurgências: contribuições de educadoras Latino Americanas para as conquistas sociais**

Rita Patrícia Almeida de Oliveira (1); Fabiana Oliveira dos Santos Gomes (2); Alicely Araújo Correia (3); Fernando Souza Leão Pontual (4);

[ritapatricia.prof@gmail.com](mailto:ritapatricia.prof@gmail.com)<sup>1</sup>; [gomes.bio@gmail.com](mailto:gomes.bio@gmail.com)<sup>2</sup>; [alicieliac@yahoo.com.br](mailto:alicieliac@yahoo.com.br)<sup>3</sup>; [fpontual@globocom.com](mailto:fpontual@globocom.com)<sup>4</sup>

*Faculdade Integrada de Pernambuco – FACIPE*

*Núcleo de Pós Graduação – NUFA - FACIPE*

**Resumo:** Este estudo visa apresentar às contribuições de mulheres ativistas e educadoras da América Latina, em relação às lutas políticas e sociais, no que tange o direito a educação, a equidade de direitos, aos movimentos sociais em prol ao acesso e as formas de educação em contraposição ao fascismo social, que divide a sociedade provocando a exclusão. O objetivo deste estudo é analisar a importância das mulheres latinas que com suas ideologias influenciaram a política, a sociedade e a educação de seus países, com vistas à inclusão e a equidade. Para tanto foi realizado um levantamento bibliográfico para a produção deste trabalho. Escolhemos cinco mulheres, que lutaram e lutam não só pela educação, mas também por vários movimentos sociais como o feminismo, o abolicionismo, pela cultura indígena e pelos trabalhadores rurais. Todas essas mulheres “invadiram” espaços considerados exclusivamente masculinos e lutaram pela igualdade de direitos e pela promoção a educação e dignidade humana. Essas mulheres mudaram a perspectiva educacional de seus países e entraram para a história como mulheres guerreiras e batalhadoras que influenciaram os ideais de igualdade e de fortalecimento da educação como instrumento de mudança.

**Palavras-chave:** Movimentos sociais, educação, igualdade de direitos.

### **Introdução**

A mulher no decorrer da história vem mostrando seu valor e também suas insatisfações de várias maneiras, com o modelo de sociedade machista e excludente. Através de muitas lutas as mulheres vêm alcançando seus espaços na sociedade. Contudo, isto nunca foi tarefa fácil e muitas mulheres foram responsáveis por estas conquistas que hoje o movimento feminino vem buscando

progressivamente em todo o mundo. Simone de Beauvoir (1970) acreditava que é pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava do homem. Somente o trabalho poderá garantir-lhe uma independência concreta.

Certamente que numa sociedade machista, onde a mulher não tinha nenhum direito adquirido, nem podiam se envolver em questões políticas, nem científicas, também foi na educação, que historicamente, a maioria das mulheres encontrou formas de mudança de vida e de reconhecimento de seus ideais.

Nosso estudo se justifica pela importância de reconhecer as lutas travadas por mulheres, muitas vezes a frentes do seu tempo, que buscavam a equidade social e de gênero através da educação, que dependendo do momento histórico era o único ‘instrumento’ de empoderamento da mulher. No caso de nosso estudo a escolha geopolítica foi por educadoras da América Latina, pois como neste continente a educação não se apresenta como política prioritária, então a luta destas mulheres se torna ainda mais difícil e hercúlea em se tratando de igualdade de direitos.

Desta forma este estudo objetiva entender as contribuições de educadoras da América Latina por meio de uma análise de dados de seis países: Brasil, Chile, México, Cuba, Panamá e Equador. Tomando como referência estes países buscamos aproximar estas realidades e apontar aspectos vinculados aos fenômenos sociais e educativos e a influência de cada uma destas mulheres para a educação e os movimentos sociais dos países na qual atuaram.

## **2. O contexto da América Latina**

A América Latina é constituída por um conjunto de países da América do Sul, Central, México e o Caribe, é integrada pelos países que possuem língua neolatina (francês, português e espanhol). O interessante é que, apesar de serem ex-colônias de países de tronco linguístico germânico (inglês e holandês), o Suriname, Jamaica, Trinidad e Tobago, entre outros, são considerados países da América Latina, pois apresentam características históricas e culturais semelhantes às dos latino-americanos. A América Latina possui fronteiras instáveis, elementos culturais diversos, étnicos, descendência cultural de povos indígenas e afrodescendentes e um desenvolvimento capitalista dependente, com concentração urbana bastante elevada, com população rural, grande desigualdades de PIB, países com população que apresentam idioma e culturas originárias.

Ianni (2008,p.6) assinala que a respeito das origens da denominação da América latina, dos interesses dos grupos internos e externos, dos propósitos envolvidos, dos grupos que eram incluídos e que ficavam fora na formação da identidade latino-americana. O resultado é sempre uma lacuna entre o que se pensa que é a América Latina e o que é a América Latina. Inclusive sua pertinência. Este autor ilustra essa discussão como a seguinte citação:

a América Latina se configura como uma realidade geo-histórica, política econômica e sociocultural complexa, heterogênea, contraditória e errática. A despeito dos diferentes nomes que tem recebido, ou ostente, continua parecendo volátil, atravessada pois situações e acontecimentos que não cabem neste ou naquele conceito, ou que o extrapolam: América Latina, Ibero-américa, Indo-américa, Afro-américa, Hemisfério-ocidental, *Nuestra América*, depois de ter sido Índia Ocidental, Novo Mundo, Paraíso, Eldorado, América (IANNI, 2008, p.6).

Desta forma, a ideia de América Latina vem apresentando não só certas imprecisões na delimitação geográfica, como também no sentido da identidade regional. De acordo com Ribeiro (2012), além das desigualdades geográficas, o continente se rompe em nacionalidades singulares, povos desconhecidos e solitários, pois desde a colonização as sociedades latino-americanas coexistiram sem conviver. Em relação à etnia existem habitantes autóctones na Bolívia, Guatemala, Peru, Equador, em algumas áreas da Colômbia e do México, etnias tribais no Paraguai, Brasil, Chile e Venezuela e, também, afrodescendentes no Brasil, Venezuela, Colômbia, Guiana e Peru, entre outros. As nações latino-americanas são produtos da “expansão da civilização ocidental”, de um colonialismo organizado e sistemático que adquire sua forma mais complexa no pós-emancipação nacional e insiste com a evolução do capitalismo. A América Latina ocupa um lugar diferente na divisão internacional do trabalho, pois não ‘coube’ a este continente a função de produzir ciência e tecnologia, mas de consumidor e fornecedor de riquezas/extração de matérias-primas para impulsionar a produção (FERNANDES, 1981), e nesse caso, a educação não se constituiu como elemento importante.

Os contrastes do espaço agrário latino-americano são provocados principalmente pela disparidade tecnológica, isso se refere à existência de duas classes rurais, uma parcela que conta com todo aparato tecnológico e outra que conta com práticas rudimentares de produção, outro ponto em comum entre os países latinos é a concentração fundiária, no qual uma restrita parcela da população detém grandes áreas rurais e por fim todas as nações latinas são produtoras de monocultura, que é uma herança da época da colônia. Quanto à concentração das terras, ocorreu no período colonial na formação territorial quando foi realizada a distribuição de imensas propriedades

rurais. Devido à concentração fundiária têm acontecido vários problemas como a expropriação, a reforma agrária e cobrança de uma política agrícola.

Entre as influências da colonização na América Latina, podemos citar a religião. As missões de padres católicos converteram os nativos e pregaram os valores e princípios cristãos. Todos os países latino-americanos passaram por um processo semelhante de conquista e colonização. Outro fator em comum foi à independência dos países. Vários países da América Latina se tornaram independentes no século XIX.

A colonização europeia na América Latina explorou vários recursos dos países colonizados, como metais preciosos e madeira. No caso da colonização brasileira, os produtos explorados eram enviados pelos portugueses para a Europa e o Oriente. O regime de governo também foi semelhante na maioria dos países colonizados. A monarquia imperialista e escravista predominava na América Latina.

Os países da América Latina tem seu desenvolvimento ligado à divisão internacional do trabalho e a educação é apontada como possibilidade de superação das dificuldades encontradas em seu desenvolvimento. O argumento central em relação ao problema do sistema educativo latino-americano estaria na forma de gestão, os sistemas ineficientes de modo que é preciso descentralizar, transferir funções, custos e avaliar os resultados (centralizado) para se verificar os ganhos educativos, melhorando a eficiência e a eficácia do sistema via reformas institucionais. A vinculação entre desenvolvimento e educação não é neutra, nem desprovida de interesses de classe e supre objetivos específicos, num contexto determinado historicamente falando, por isso o papel destas mulheres educadoras foi e é tão importante nos seus países, pois não só procuraram promover a educação, como também lutaram em outros segmentos em busca da igualdade de direitos.

## 2.1 As conquistas e as insurgências das Mulheres Educadoras latino americanas

Neste estudo analisamos o legado das Educadoras: **Gabriela Mistral** (Chile), **Leonela Relyz** (Cuba), **Rosa-Maria Torres** (Equador), **Sara Sotillo** (Panamá) e **Leolinda de Figueredo Daltro** (Brasil), todas elas tiveram um papel relevante nas lutas sociais e educativas para emancipação e libertação dos povos de seus países e de onde suas ideias influenciaram de forma significativa.

Iniciaremos com a educadora **Gabriela Mistral**, (1889-1957), na verdade Lucila de Maria do Perpétuo Socorro Godoy Alcayaga, conhecida pelo pseudônimo Gabriela Mistral, foi uma destacada poetisa, diplomata e pedagoga chilena. Durante sua estada em Araucania conheceu um jovem chamado Neftali Reyes, que posteriormente seria conhecido mundialmente como Pablo Neruda e grande apreciador de suas obras literárias. Gabriela Mistral recebeu a notícia de que tinha ganhado o Nobel em 1945, nesta data estava no Brasil atuando como diplomata chilena. Após a premiação começou a ficar conhecida em toda a América Latina.

No Chile Gabriela Mistral foi recebida com um arco do triunfo, por alunos destacados de diferentes colégios e pelas autoridades da região. Foi também homenageada com o título de Honoris Causa pela Universidade do Chile, em 1953. Foi convidada pelo governo mexicano, para colaborar no desenvolvimento dos planos da reforma educativa mexicana e na organização e fundação de bibliotecas populares, resultado de uma verdadeira revolução no país. Gabriela foi pioneira na defesa dos direitos e da educação das crianças e das mulheres. No México fez parte das Missões Pedagógicas rurais, colaborando na criação de escolas noturnas para os trabalhadores, e das escolas itinerantes, que levavam de aldeia em aldeia a cultura e a educação. O seu trabalho pedagógico teve grande repercussão na América Latina e também na Europa, pois defendia as crianças, as mulheres e os trabalhadores. Essa educadora acreditava que era importante a igualdade e a cultura; a honradez e a equidade. Destinou os direitos econômicos das suas edições para os albergues e centros de acolhida das crianças na Guerra Civil espanhola. Em seu testamento decidiu que os direitos econômicos das suas obras publicadas na América fossem para as crianças de Montegrando no Chile. Hoje o dinheiro chileno apresenta seu rosto em suas cédulas e não há ruas, praças ou monumentos nas cidades espalhadas no Chile que não homenageie essa grande mulher.

A próxima educadora estudada foi **Leonela Relyz**, cubana, que desenvolveu um método educacional para alfabetização de adultos chamado: **Yo, sí puedo** ("Sim, eu posso") o método teve e tem grande valor, por seu caráter internacionalista, podendo ser usado em diferentes realidades sociais e linguísticas - e não só na América Latina. Acredita-se que entre 2002 a 2009, foi empregado na alfabetização de aproximadamente 3,5 milhões de pessoas, em diversos países do mundo. O método do *Yo, si Puedo*, consiste em partir do *conhecido*, no caso os números, para o *desconhecido* - as letras - e baseia-se na experiência adquirida progressivamente. O tempo de duração da ação educativa pode variar (de sete semanas, na sua forma intensiva, até três meses). O programa tem também a preocupação com as pessoas com deficiência visual, pois também idealizado no sistema Braille, foi adaptado para surdos e pessoas com deficiência intelectual leve.

Além da preocupação de incluir pessoas com deficiências, foi inserido em vários países, por organizações religiosas e Organizações sem fins lucrativos.

Esse sistema consiste em alfabetizar uma pessoa em “apenas” sete semanas, com o objetivo de erradicar o analfabetismo. Um exemplo, disto foi o que aconteceu na Venezuela neste país foi demonstrada vontade política e alocado recursos financeiros, resultando na alfabetização de um milhão de pessoas em cinco meses e 27 dias, em 34 idiomas, falados pelos vários grupos étnicos do país. Assim, a Venezuela foi orgulhosamente declarada território livre do analfabetismo. Na África, o método é usado ainda hoje na Nigéria, Guiné-Bissau, Moçambique e África do Sul. Desta forma, foram feitas as modificações necessárias para adaptá-lo às línguas dos países, bem como às suas condições históricas, geográficas e sociais.

Pragmaticamente falando o professor no programa, além de ser o facilitador, também é o vínculo entre a aula audiovisual e o participante, desempenhando uma função importante na dimensão afetiva do iletrado, ele também controla todo o processo de aprendizagem, que se desenvolve em três etapas: treinamento, ensino de leitura e escrita e consolidação, seguindo três marcos: escutar e ver (ouvido e olhos), escutar e ler (ouvido e livro) e escutar e escrever (ouvido e lápis).

O material disponibilizado para o docente se constitui de uma cartilha, um manual e 17 vídeos, que abrangem as 65 aulas. O tempo de duração da ação educativa é variável (de sete semanas, na sua forma intensiva, até três meses). O método é muito flexível, existem casos em que o processo se concluiu em um mês, mas foi necessária dedicação exclusiva. O método *Yo, sí puedo* teve origem em 28 de março de 2001 com Leonela Relyz e outros educadores cubanos, que realizaram uma campanha de alfabetização através do rádio, no Haiti. O governo de Cuba contratou Leonela para criar uma cartilha de alfabetização (com não mais que cinco páginas), combinando letras e números. Em um mês ela cumpriu a missão e começou a preparar a estratégia de difusão do método pela televisão. Em 2002, foram concluídos os primeiros *scripts* de aulas televisionadas. Em maio do mesmo ano as palestras começaram a ser gravadas.

Os três estágios do método:

- Treinamento;
- Ensino da leitura e escrita;
- Consolidação;

No método é fundamental a identificação dos alunos e de suas necessidades, assim como um conhecimento amplo de suas particularidades, considera-se o aluno como ponto de partida, pois há diferentes níveis de conhecimento, e nem todas as pessoas são inteiramente analfabetas. Para isso se realiza uma classificação dos alunos em três tipos;

- Analfabetos puros, aqueles que não tiveram nenhuma relação com a educação formal (nunca foram à escola);
- Semianalfabetos, aqueles que já foram à escola e sabem escrever algumas letras ou palavras, ou esqueceram o que aprenderam, por desuso;
- Analfabetos especiais são pessoas com necessidades educacionais especiais, tais como limitações físicas.

### **Etapas:**

Na **primeira etapa**, realiza-se a preparação do aluno para um maior envolvimento na aprendizagem da leitura e da escrita. Para isso são dedicadas 10 aulas estruturadas em dois blocos, com cinco aulas cada um. O primeiro bloco é destinado ao desenvolvimento da expressão oral e capacidades psicomotoras, além de assegurar a representação gráfica dos números 0 a 30 (os números são geralmente conhecidos pela maior parte dos alunos). O segundo bloco trata do estudo das vogais.

A **segunda etapa** - aprendizagem da leitura e escrita - é a principal e compõe-se de 42 aulas divididas em dois grupos, um de 23 e outro de 19 aulas. O primeiro grupo de aulas é destinado ao aprendizado das letras e fonemas, sendo cada dia dedicado a uma determinada letra ou fonema. O segundo grupo de aulas é destinado às dificuldades particulares de cada idioma. No caso da língua castelhana, por exemplo, são abordadas as combinações especiais, como o uso de *rr*, *ch*, *ll* ou os sons de "ce" "ci" ou "güe" e "güi". Os exercícios utilizados envolvem: a relação de um número (conhecido) com uma letra (desconhecida); o reconhecimento de uma figura simples e a sua relação com a palavra objeto de estudo; a apresentação de uma idéia ou oração (frase), na qual se deve determinar a palavra-chave, a qual, então, é dividida em sílabas para, enfim, serem produzidas novas palavras e idéias.

A **terceira etapa** destina-se a fixar os conhecimentos adquiridos na etapa anterior. Serve também para avaliar a realização dos objetivos. Compõe-se de 13 aulas, das quais as duas últimas são reservadas a redação. As dificuldades de ortografia se resolvem através de um método lúdico, como se fosse um jogo. Nessa fase o aluno trabalha na identificação de imagens e na escrita do seu

nome. Desenvolve uma escrita e leitura inteligentes, mesmo a nível elementar, construindo frases com sentido lógico.

### **Associação entre números e letras**

Como é feita a associação entre números e letras:

- **a** está associado ao número 1.
- **e** está associado ao número 2.
- **i** está associado ao número 3.
- **o** é associado ao número 4.
- **u** é associado ao número 5.
- **l** é associado ao número 6.
- **r** (suave e forte) está associado ao número 7.
- **f** está associado ao número 8.
- **m** está associado ao número 9.
- **m** está associado ao número 10.
- **p** está associado ao número 11.
- **t** está associada ao número 12.
- **v** está associado ao número 13.
- **s** está associada ao número 14.
- **n** é associado ao número 15.
- **rr** (por uma questão de metodologia), está associado ao número 16.
- **q** é associado ao número 17.
- **y** tem sido associado ao número 18.
- **d** está associado ao número 19.
- **b** está associada ao número 20.
- **h** está associado ao número 21.
- **ñ** tem sido associado ao número 22.
- **ch** tem sido associado ao número 23.
- **j** é associado ao número 24.
- **x** está associada ao número 25.
- **ll** está associado ao número 26.

- **z** está associado ao número 27.
- **g** está associado ao número 28.
- **k** está associada ao número 29.
- **w** tem sido associado ao número 30.

Vamos dar um exemplo de uma palavra escrita por esse método: a palavra liberdade, se a pessoa substituir os números que conhece **6-3-20-2-7-19-1-2**, pelas letras que desconhece, ele terá **l-i-b-e-r-d-a-d-e**. Unindo número, letras, desenhos e contextos, Lenonela Relys conseguiu alfabetizar e empoderar um povo e construir uma nova história para milhões de pessoas.

Ilustração do método - *Yo, si Puedo*

6	3	20	2	7	19	1	19	2
L	I	B	E	R	D	A	D	E

Fonte: Autores, 2017.

## Material

Os materiais didáticos são os vídeos e a cartilha, havendo uma relação direta entre eles. Os vídeos são usados nos primeiros 30 minutos de aula, e a cartilha na segunda parte da aula. A cartilha segue o mesmo formato em todas as suas páginas. A diretriz que se segue é baseada no vínculo entre o conhecido (os números) e o desconhecido (as letras). Para isto associa-se cada letra a um número, sendo que a cada letra é dedicada uma aula.

No México, o sistema tem sido usado, com bons resultados, nos estados de Michoacán, Oaxaca, Veracruz e Nayarit. Neste caso, as gravações dos vídeos são feitas por atores mexicanos e incluem variações típicas do espanhol falado no país. O sistema também está sendo usada na Nova Zelândia e em Sevilha como uma primeira experiência do programa na Europa, onde estima-se que existam pelo menos 35 mil analfabetos.

A educadora Equatoriana **Rosa-María Torres** também linguísta, e ativista social participou de movimentos em defesa de uma educação de qualidade e assumiu cargos importantes em organismos internacionais da área. Foi diretora pedagógica da Campanha Nacional pelo Letramento, no Equador, e após a Conferência Mundial de Educação para Todos em 1990, tornou-se assessora educacional da UNICEF em Nova York. Participou de programas para a América Latina e o Caribe na Fundação W.K. Kellogg (1996-1998), onde desenvolveu a iniciativa para o ensino fundamental denominada “Learning Community”, que levou para a Organização das Nações

Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e continuou a desenvolver na instituição, de 1998 a 2000. Em 2003, assumiu o ministério da Educação e Cultura do Equador, onde houve avanços. Essa educadora acredita que a maior atenção que a sociedade deve dar é para seus educadores, pois é preciso apoiar a carreira destes profissionais. Escreveu o livro *Itinerários pela educação latino-americana*, lançado pela Artmed Editora, livro que traz cinco trajetórias através de vários “mundos”: o mundo da educação, o das instituições educativas, o dos educadores, o das experiências inspiradoras e o das proposições, que trazem relatos de experiências educativas de todo o mundo como contribuição para a educação deste século, sem amarras e preconceitos relativo as questões sociais e culturais. Coordenou a Declaração Latino-Americana para a Educação para Todos. E até hoje atua em prol da educação nos países da América Latina. Essa educadora faz uma observação importante sobre o Brasil, relata que atualmente, “o educador desejável não é aquele que ensina as respostas corretas, já que elas estão disponíveis na internet, em sites como a Wikipédia. A rede provê informação, mas nunca substituirá o papel de uma relação pessoal”. Destaca que é essencial formar pessoas que compreendam isso e avaliá-las levando isso em conta. Também julga necessário valorizar a carreira docente. E que isso não tem a ver só com investimentos. Defendendo construir outra percepção social da profissão, com base em medidas de apoio à carreira. Assinala que o Brasil tem tentado inovar, mas dá pouca atenção aos professores, que por sua vez têm uma carga de trabalho muito pesada. Nesse ritmo, o Brasil ficará sem educadores. Seria interessante prestar atenção no que diz uma educadora que viaja o mundo todo e convive com a realidade da América Latina.

A educadora e feminista panamenha **Sara Sotillo** (1900 - 1961), famosa por sua luta pelos direitos trabalhistas da mulher, em uma época em que ser mulher, pobre e negra eram as piores referências para um futuro e possível fracasso profissional e político. Sua liderança e organização levou-a a frente de movimentos reivindicativos que mobilizaram os educadores de seu tempo que defendiam princípios e conquistas trabalhistas dos educadores panamenhos, apesar das fortes pressões e resistências governamentais. Em dezembro de 1922, juntamente com as feministas da época, Clara Gonzalez de Behringer, Enriqueta Morales, Elida Campodónico de Crespo e Sara María Barrera, fundaram a primeira Associação Feminista do Panamá. Esta associação teve entre seus objetivos promover a independência econômica das mulheres e a igualdade com os homens nos direitos e responsabilidades perante a lei, entre outros.

Foi uma das fundadoras da primeira Associação Feminista do Panamá (1922). Participou como delegada do Primeiro Congresso Feminista do Panamá (1923), onde foi aprovada a fundação

do Partido Nacional Feminista e a criação da Escola de Cultura Feminina, O Partido Nacional Feminista apresentou (1924) à Assembleia Nacional um memorial com o qual conseguiu as primeiras leis que melhoraram substancialmente a situação jurídica e o estatuto de inferioridade civil da mulher panamenha. Também fundou em 1944 o Magisterio Panameño Unido, instituição fundamental para a aprovação da Lei 36, de 14 de setembro de 1946 e da Lei Orgânica de educação ou Lei 47, de 24 de setembro 1946. Como feminista e como membro do Partido Nacional Feminista, do qual foi segunda vice-presidente, participou da luta pelos direitos civis e políticos da mulher. Em reconhecimento por suas contribuições, em 2008 foi erguido um Busto em Bethânia, no Panamá, um centro educacional primário foi nomeado em sua homenagem no Parque Lefevre na Cidade do Panamá. Como um tributo póstumo, em 2002, o governo do Panamá cunhou 500 mil balboas em moedas de cinco centavos com o rosto de Sara Sotillo no anverso e o Escudo do Panamá no reverso.

**Leolinda de Figueredo Daltro** (1860 -1935) - Em 1909, num país densamente católico, como o Brasil, Leolinda era chamada de “mulher do diabo” por ser separada, falar de política, ser feminista, ter amizades masculinas, questionar o catolicismo, reclamar o voto e se preocupar com os índios. Indigenista, defendia até a exaustão que os índios brasileiros fossem incorporados ao restante da sociedade, apoiando uma escolarização laica, que fugisse totalmente dos padrões jesuítas ainda presentes no Brasil. Num momento onde a questão do quê fazer com o índio, estava dividida em duas lógicas (ou dizimá-los, sob argumento de “população estranha e inútil”, ou catequizá-los, aculturando-os totalmente), a alternativa de Leolinda era em favor da vida e da contribuição social do índio, e da manutenção – ainda que reduzida – das suas práticas culturais. Leolinda traçou um ambicioso projeto de penetrar nos sertões e educar os índios às suas custas e providências. O projeto incomodou os dois pilares da elite brasileira à época: a Igreja e os proprietários de terra. Precursora das discussões iniciais da questão indígena no Brasil, não ficou só no discurso: usou de seu corpo e recursos para pulverizar seu plano alternativo às ideias vigentes. Fundou o Partido Republicano Feminino antes mesmo que as mulheres pudessem votar. Seu livro *Da Catequese dos índios no Brasil – Notícias e documentos para a História* relata sua luta pelos povos indígenas a partir de seus registros e anotações do Sertão. Em razão de suas ideias, Leolinda sofreu, em Uberaba, toda sorte de perseguições por parte da elite local, chegando a ser escorraçada da cidade por uma turba que a chamava de mulher do diabo. Ainda no Triângulo Mineiro, passou para a cidade vizinha de Araguari, ponto de partida de uma longa viagem pelos sertões de Goiás, atingindo as bordas do

Maranhão e do Pará. A peripécia da professora Leolinda Daltro em nome da alfabetização de tribos indígenas dos sertões brasileiros se encerrou no ano de 1897.

No livro, a educadora relata os episódios inclusive um atentado que sofreu em Conceição do Araguaia, no qual foram assassinados o coronel Leão Leda e seu filho, seus protetores na ocasião. Voltando ao Rio de Janeiro, fundou o Grêmio Patriótico Leolinda Daltro, o objetivo era defender a catequização dos índios sem a interferência da Igreja. Em nome desta entidade, passou a frequentar todas as solenidades cívicas, levando sempre consigo alguns índios que havia trazido de suas incursões pelo interior. O que era o bastante para ganhar espaço na imprensa, que se dedicaram a criticá-la e a ridicularizá-la. O assunto dividia a opinião pública no Rio de Janeiro, pois, a despeito das resistências, o governo federal decidiu criar o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), em 1910. O que para Leolinda foi uma pequena vitória, apesar de não ter sido convidada a cerimônia.

Além de defender a incorporação laica dos índios à sociedade brasileira, Leolinda também se dedicou à defesa da conquista da cidadania plena para as mulheres. Com base na ambiguidade da Constituição de 1891, requereu seu alistamento eleitoral, mas teve o pedido recusado. Em protesto, fundou, em dezembro 1910, o Partido Republicano Feminino, cujo objetivo era mobilizar as mulheres na luta pelo direito ao voto.

Em 1919, Leolinda lançou-se candidata à Intendência Municipal do Distrito Federal, cargo que corresponde ao de prefeito hoje. Em outubro do mesmo ano, concedeu entrevista à Revista Feminina, onde justificou sua candidatura nos seguintes termos: “Como mulher que sou, com um sentido superior de altruísmo, tenho me preocupado com a necessidade de minorar o sofrimento humano e de se atingir uma melhor distribuição da Justiça.”

Quando as mulheres alcançaram o direito ao voto, no ano de 1932, declarou ser uma pessoa feliz e que já podia morrer depois de ver vitoriosa a luta pela emancipação política da mulher.

Em 2003, o estado do Rio de Janeiro instituiu o Diploma Mulher Cidadã Leolinda de Figueiredo Daltro, condecorando a cada ano dez mulheres de destaque na defesa dos direitos e da representação feminina.

Para estas mulheres, educar-se e instruir-se significava uma forma de quebrar os grilhões e conquistar os espaços e por isso cada uma há seu tempo foram e são tão revolucionárias e proativas nas causas sociais e educativas ocupando espaços anteriormente apenas direcionados aos homens e dando visibilidade aos ideais femininos e a equidade de direitos para todos. Destacando ainda algumas condições foi bastante cruel para estas mulheres, como a questão de gênero, o racismo, a questão social e por serem mulheres latinas americanas.

### 3. Metodologia

A metodologia utilizada foi um levantamento bibliográfico exploratório. Para tanto, utilizamos a coleta de dados em sites de organismos que elaboram panoramas sobre a realidade latino-americana, tais como: a Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), além de levantamentos históricos nacionais dos países. Também foram consultadas e estudadas fontes secundárias sobre o tema.

### 4. Resultados e Discussões

A partir do levantamento bibliográfico fizemos as seguintes considerações em relação às contribuições destas educadoras no que tange as lutas para o desenvolvimento da Educação e dos movimentos sociais de seus países.

**Quadro1** - As contribuições das Educadoras em prol da Educação e dos Movimentos Sociais em seus países

<b>Educadora</b>	<b>País de Origem</b>	<b>Momento Histórico de atuação</b>	<b>Contribuições em prol da Educação</b>	<b>Contribuições aos movimentos sociais de seus países</b>
<b>Gabriela Mistral</b>	Chile	Início do século XX	Reivindicava não só a educação das meninas da área rural, bem como a instalação de bibliotecas nos recantos mais longínquos.	Pleiteava pela reforma agrária e melhores moradias para agricultores. Contribuiu para amenizar a pobreza para crianças vítimas da guerra.
<b>Leonela Relyz</b>	Cuba	Século XXI	Desenvolveu um método de alfabetização que alfabetizou mais de 3,5 milhões de pessoas em diversos países.	O método “Eu Posso” zerou o analfabetismo em seis assentamentos do MST na Bahia/Brasil e em diversos lugares do mundo.
<b>Rosa-Maria Torres</b>	Equador	Século XXI	Dedicou-se a assessoria, sistematização e avaliação de experiências, tendo reproduzido reconhecidas contribuições pedagógicas teóricas e práticas. E a formação dos professores.	Participou de projetos de alfabetização e educação popular em mais de um país da América Latina, inclusive na Nicarágua pós-revolucionária.
<b>Sara Sotillo</b>	Panamá	Século XX	Fundou o Magistério Panamenho, instituição fundamental para a	Defendiam princípios e conquistas trabalhistas dos educadores panamenhos,

			aprovação Lei 36, de 14 de setembro de 1946 e da Lei Orgânica de educação ou Lei 47, de 24 de setembro de 1946.	apesar das fortes pressões e resistências governamentais. Participou como delegada ao Primeiro Congresso Feminista do Panamá (1923); Participou da luta pelos direitos civis e políticos da mulher.
<b>Leolinda de Figueredo Daltro</b>	Brasil	Início do Século XX	Lutou pela educação pública, pela feminização do ensino no Brasil, modernização da educação para as camadas mais pobres. E educação Laica para os índios.	Fundou o Partido Republicano Feminino Defendeu a incorporação laica dos índios à sociedade brasileira; Dedicou-se à defesa da conquista da cidadania plena para as mulheres.

Fonte: <https://www.google.com.br/2017>. CEPAL, UNESCO.

## 5. Conclusões

Ao término deste estudo foi possível perceber a importância histórica e educativa das lutas e da mobilização destas mulheres educadoras para seus países. As principais contribuições destas mulheres na área educacional foi: a preocupação com o analfabetismo; com a educação popular; a criação de escolas noturnas para trabalhadores; a implementação de escolas itinerantes para alfabetizar índios de aldeia em aldeia; a alfabetização de meninas da área rural; a educação de qualidade e a catequização laica dos índios. Essas cinco mulheres em momentos históricos diferentes deram grande contribuição não só aos seus respectivos países da América Latina, mas também a países de outros continentes. Pois estas mulheres se manifestaram enquanto sujeitos sociais, em suas condições políticas, buscaram mudar a realidade na qual estavam inseridas. Situações desfavoráveis inviabilizam a expressão do pensamento dos sujeitos, gerando seres incapazes de transformar a realidade que os cerca, já dizia Paulo Freire (2004). Porém essas mulheres acreditaram que através da educação e através da militância é que um povo pode se libertar de seu opressor e ter oportunidades de direitos, mostrando assim a importância da mulher como protagonista dos movimentos em prol de uma sociedade mais justa.

## 6. Referências

ALENCAR, Maria do Socorro. Práticas de alfabetização com o método Yo, sí puedo em assentamento do MST. **Educação** (Porto Alegre, impresso), v. 36, n. 3, p. 352-362, set./dez. 2013.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Fatos e Mitos. 4 ed. Paris: Librairie Gallimard, 1970.

FERNANDES, Florestan. O que é a Revolução? São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

FREIRE, Paulo. Pedagogy of Indignation. Boulder, Colorado: Paradigm, 2004.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Percepções de uma educadora-viajante. *Educabrazil*. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/percepcoes-de-uma-educadora-viajante/>>. Acesso em: 16 de set. 2017.

RIBEIRO, Darcy. **América Latina**: a Pátria Grande. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 2012.

TAVARES, Elaine. **O socialismo na América Latina**. Maio de 2010. Disponível em: Acesso em: 01/07/2010.

UNESCO. Informe de Seguimiento de la Educación para Todos en el mundo. 2005. Disponível em: [http://portal.unesco.org/education/es/ev.php-URL\\_ID=36027&URL\\_DO=DO\\_TOPIC&URL\\_SECTION=201.html](http://portal.unesco.org/education/es/ev.php-URL_ID=36027&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html) Acesso em: 01 de jun. de 2009.

UNESCO. Informe Educación para todos en 2015 ¿Alcanzaremos la meta?. Buenos Aires, 2008. Disponível em: Acesso em 12 de Mai. de 2009.

VIEZZER, Moema. **Se me deixam falar...'**. Depoimento de uma mineira boliviana. Editora Passado e Presente 21. <http://www.mst.org.br/2015/05/12/com-metodo-cubano-sem-terra-zeram-analfabetismo-em-sete-assentamentos-da-bahia.html>